



<
Londres,
de Cláudia Clemente,
enc. João Lourenço,
Novo Grupo / Teatro
Aberto, 2012
(Carla Maciel),
fot. Teatro Aberto.

Meia dúzia de palavras e a tua vida...

Stat Miller

Título: Londres (2011). *Texto:* Cláudia Clemente. *Encenação, realização de vídeo e luz:* João Lourenço. *Dramaturgia:* Vera San Payo de Lemos. *Cenário:* António Casimiro e João Lourenço. *Figurinos:* Graça Rodrigues. *Supervisão audiovisual:* Nuno Neves. *Interpretação:* Carla Maciel. *Produção:* Novo Grupo / Teatro Aberto. *Local e data de estreia:* Teatro Aberto, Lisboa, 30 de Setembro de 2012.

Quando pensamos na cidade de Londres, muitas vezes, a primeira coisa que nos vem à cabeça são as férias, os passeios, os monumentos, os museus, os momentos passados em família ou com amigos numa das capitais europeias mais frequentadas por turistas. Londres é, metonimicamente, a Londres da Tate Modern, do Big Ben, do chá das 5, da Rainha e do palácio de Buckingham, do Museu de História Natural, da Abadia de Westminster e de tantos outros locais turísticos. *Londres*, a peça de Cláudia Clemente, joga, no título, com essas expectativas. Mas a Londres que encontramos em *Londres* não é a cidade que conhecemos dos roteiros turísticos. *Esta Londres, desta* autora e *deste* espectáculo é uma cidade diferente, a viagem é outra e as paragens também. *Londres* é um espectáculo do luto.

O texto de Cláudia Clemente, com encenação de João Lourenço, é um poema para a cena: um monodrama que vive da cumplicidade possível entre factos verídicos e teatralidade. A actriz Carla Maciel gere, em cena, todo o dispositivo cénico e técnico (projectões vídeo e registos áudio) que traduzem esta viagem particular à capital inglesa. Assim, Ela, a personagem a que Carla Maciel dá corpo e que é uma clara – e declarada – projectção da autora do texto, é uma filha que acompanha os pais a Londres, cidade onde estudou, na esperança de encontrarem ali o tratamento adequado para a doença do pai. O discurso da

actriz mantém o registo confessional e intimista do texto: olha-nos nos olhos e conta-nos todos os pormenores dessa viagem absolutamente exclusiva e pessoal da autora. Encontra-se uma duplicidade do trabalho da actriz, que é simultaneamente ela própria e a voz autoral da viagem relatada: Carla Maciel está em cena em representação da autora do texto, toma de empréstimo as suas palavras, as suas emoções e os seus sentimentos, materializando-os e tornando visível a viagem.

É a actriz que gere todo o dispositivo cénico, activando os ambientes sonoros e as imagens que melhor servem as potencialidades técnicas para a sua confissão. As imagens projectadas acompanham todo o desenrolar da narrativa, variando entre a transmissão de planos subjectivos e a manipulação da imagem em cena. As imagens (“verdadeiras”) que vemos de Londres, familiares, que reconhecemos das nossas histórias pessoais, das memórias felizes de quem é turista nesta cidade, neste espectáculo surgem em contraponto com a narrativa clínica e patológica que nos está a ser contada. Todo o espectáculo é pontuado pelos títulos projectados que definem estações, zonas espaciais (*No hospital, No hotel, Pelas ruas de Londres, A abadia*) e emocionais (*A doença, Os contos, O chá, As radiografias, A actriz, Oitenta e cinco*), que vão situando a acção narrativa e a descrição da viagem. A associação da forma multimédia de escrita cénica com o registo intimista

Stat Miller
é Mestre em Encenação
e licenciada em
Dramaturgia pela
Escola Superior de
Teatro e Cinema.

>
v
Londres,
de Cláudia Clemente,
enc. João Lourenço,
Novo Grupo / Teatro
Aberto, 2012
(Carla Maciel),
fot. Teatro Aberto.



da actriz (e do próprio espectáculo) funciona melhor quando as imagens projectadas nos três telões do cenário mostram planos subjectivos do percurso narrativo da personagem – quando, de algum modo, sugerem uma ilustração reveladora das memórias da personagem. O discurso é tão autêntico quanto as imagens projectadas nos telões, que concretizam o confronto entre o destino turístico e o passeio até à morte. A acção do texto é dilatada porque o exterior é trazido constantemente para o palco. E, efectivamente, é esse exterior – estranho, um corpo estrangeiro que conduz a actriz no seu percurso – que amplia as suas dificuldades e hiperboliza os seus sentimentos e emoções (que só por si, e mesmo que o contexto fosse mais "nacional", seriam difíceis de minimizar). O cenário é uma espécie de sinédoque que serve de sugestão de todos os ambientes em que a história se desenrola, porque é de ambientes, de zonas de espaços físicos que esta história é feita. É mais ou menos claro que uma experiência

traumática como esta que é trazida à cena é quase sempre indissociável dos espaços em que ela nos acontece, mais ainda quando se trata de um espaço estranho, não familiar, estrangeiro. As palavras são diferentes, os hábitos alteram-se, e mesmo o habitual chá nocturno da mãe se torna um problema (não se encontra em lado nenhum o que costuma beber), uma metáfora que aponta para toda a conjuntura adversa que ameaça o universo destas personagens.

É de enfatizar o virtuosismo da actriz que chama a si o controlo do espectáculo, no modo como produz o discurso narrativo e acciona o dispositivo técnico de cena que serve o texto, ampliando em palco a dimensão e a emotividade das palavras. O fim talvez propositadamente pouco denunciado faz com que a história fique em suspenso, talvez porque seja melhor não saber "quanto tempo de vida nos restará a cada um de nós" e "talvez seja melhor assim". "Uma palavrita de merda / Meia dúzia de palavras e a tua vida vem-se abaixo: Cancro".